

BRECHIA
em nossa
SANTIDADE

KEVIN DEYOUNG

KEVIN DEYOUNG

BRECHA
em nossa
SANTIDADE

 **FIEL**
Editora

“Este livro é um clássico do DeYoung... impiedosamente bíblico!”

John Piper, Pastor da *Bethlehem Baptist Church*,
Twin Cities, Minnesota

“Meu coração se identificou profundamente ao ouvir Kevin falar sobre esse assunto. A mensagem dele é um despertar de consciência para o povo de Deus – oportuno, profético, profundamente necessário nos dias em que vivemos. Como teólogo e escritor talentoso que é, Kevin lida com muitas das dificuldades e nuances bíblicas da verdadeira santidade. Como pastor, demonstra genuína compaixão e preocupação com a condição do rebanho. Como colega peregrino, ele consegue atingir o âmago das formas de pensar e viver que nos atrapalham de espelhar um Deus Santo neste mundo de trevas. Como servo que ama a Cristo profundamente, ele descortina claramente a visão da beleza e do poder da santidade pessoal”.

Nancy Leigh DeMoss, autora,
apresentadora do programa de rádio *Revive Our Hearts*

“Santidade já foi, certa feita, componente central do seguir a Cristo”. Mas para muitos, hoje, a vida cristã pouco passa da celebração de uma graça barata e de uma pseudo-liberdade, com alta tolerância ao pecado. Neste livro tão necessário e bem escrito, Kevin DeYoung aponta cuidadosamente para a verdade tão impopular quanto necessária hoje em dia: que Deus é santo e espera que *nós* sejamos santos. Sem qualquer cacoete de farisaísmo e sem ser enfadonho, Kevin apresenta-nos uma bem equilibrada e atraente visão da lei e da graça. Kevin DeYoung é um de meus escritores preferidos, e este livro mostra bem o porquê. Várias foram as vezes que concordei enfaticamente com ele ao virar as páginas do livro.

Creio que os seguidores de Cristo precisam muito ler, debater e vivenciar a mensagem oportuna e que exalta a Deus nas páginas deste livro”

Randy Alcorn, fundador e diretor do *Ministério Eternal Perspective* ; autor de *Se Deus é Bom* e *O Céu*.

“A graça é maravilhosa demais para nos salvar da culpa do pecado para tão somente deixar-nos debaixo de sua cruel tirania. Neste livro, Kevin DeYoung lembra-nos que o evangelho é o solo de nossa justificação e santificação. Ao mesmo tempo, ele nos lembra das muitas exortações das Escrituras para perseguirmos a piedade como fruto de nossa união com Cristo no poder do Espírito. *A Brecha em nossa Santidade* oferece-nos importante reflexão nesse assunto tão importante, na constante conversa acerca das alegrias e lutas da vida cristã”.

Michael Horton, Professor de Teologia, Westminster Seminary e autor de *A Fé Cristã: Uma Teologia Sistemática para Peregrinos em Percurso*

“É de se esperar que um livro a respeito de santidade seja acusador, tendente ao legalismo e vergonhosamente distante do dia-a-dia. Mas este livro não é nada disso. Ao contrário, Kevin DeYoung vai direto ao cerne do que é o empenho rumo à santidade infundido pelo Espírito e norteado pelo Evangelho. Ultrapassando o costumeiro “tente mais intensamente” e “creia com mais fé”, este livro transmite aos leitores não apenas um anelo por ser santo, mas uma verdadeira esperança de que isso pode se tornar realidade”.

Nancy Guthrie, autora do livro “Antes de Partir”.

“J.C. Ryle escreveu seu clássico *Santidade* movido pela preocupação de que ‘os cristãos de nosso país não dão a devida

atenção à santidade prática e toda a questão de consagração a Deus'. É com a mesma preocupação presciente e com a mesma perspicácia pastoral que meu amigo Kevin DeYoung escreveu o que eu considero ser um equivalente moderno (ao livro de Ryle), instando com a atual geração de cristãos para que obedeça a ordem de Deus 'sede santos, porque eu sou santo'. Que este livro faça por nossos dias o que *Santidade* realizou numa era passada: promover a santidade focada no evangelho nos cristãos e igrejas ao redor do mundo”.

C. J. Mahaney, Sovereign Grace Ministries

“A força deste livro repousa sobre a compreensão bíblica que ele exala, de que todo significativo renovar alicerça-se sobre o conhecimento da bondade e da santidade de Deus. Temos o mandamento para sermos santos porque ele é santo, e somente em Cristo podemos ser devidamente adestrados: “Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente (Tito 2.11-12)”. Minha oração é no sentido de que as palavras de Kevin sejam lidas por muitos, e que a igreja acabe sendo conhecida como um povo “zeloso de boas obras”, ao contemplar a santidade do Pai e a obra regeneradora de Cristo”.

John M. Perkins, Presidente do ministério *John M. Perkins Foundation for Reconciliation and Development*.

“Gostei muito de estar debaixo do ensino de Kevin, durante meus anos de faculdade, especialmente nessa questão de santidade. Este livro é indispensável para todos os que desejam uma vida de piedade. Embora sejamos caídos, Kevin destaca nosso potencial

para a piedade e como nosso progresso nessa área é de suma importância. Prepare seu marca-textos!”

Kirk Cousins, *ex-quarterback* iniciante da *Michigan State University*, atual *quarterback* reserva dos Washington Redskins.

A Brecha em Nossa Santidade

Traduzido do original em inglês *The Hole in Our Holiness: Filling the Gap between Gospel Passion and the Pursuit of Godliness*

por Kevin DeYoung Copyright ©2012 por Kevin DeYoung ¶

Publicado por Crossway Books, Um ministério de publicações de
Good News Publishers

1300 Crescent Street

Wheaton, Illinois 60187, USA.

Copyright © 2012 Editora Fiel Primeira Edição em Português: 2013

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.



Presidente: James Richard Denham III Presidente Emérito: James Richard Denham Jr.
Editor: Tiago J. Santos Filho Tradução: Eros Pasquini Júnior Revisão: Tiago J. Santos Filho
Diagramação: Rubner Durais Capa: Rubner Durais Ebook: Yuri Freire
ISBN: 978-85-8132-146-2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

DeYoung, Kevin

Brecha em nossa santidade / Kevin DeYoung ; [tradução Eros Pasquini Júnior]. -- São José dos Campos, SP : Editora Fiel, 2015.
2Mb ; ePUB

Título original: The hole in our holiness ISBN 978-85-8132-146-2

1. Santidade - Cristianismo 2. Vida cristã

I. Título.

13-01903

CDD-248.8



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

*Aos presbíteros e pastores da
University Reformed Church,
com gratidão pelo árduo trabalho que realizam
e pela busca da santidade.*

Índice

- 1 – Preocupe-se Com o Vazio
- 2 – O Que Motivou a Redenção
- 3 – O Padrão da Piedade
- 4 – Impetuosidade para com os Imperativos
- 5 – O Prazer de Deus e a Possibilidade de Piedade
- 6 – Empenho Energizado Pelo Espírito, Impelido Pelo Evangelho, e Abastecido Pela Fé
- 7 – Seja Quem Você É
- 8 – Os Santos e a Imoralidade Sexual
- 9 – Permanecer e Obedecer
- 10 – Que Todos Vejam o Seu Progresso

PREOCUPE-SE COM O VAZIO

Jamais consegui entender bem o atrativo do camping. Embora tenha muitos amigos e parentes que são praticantes ávidos do camping, me parece estranho que alguém trabalhe arduamente o ano inteiro de forma a poder viver uma semana ao relento. Entendo essa questão de se estar junto, mas por que fazer isso em barracas e com banheiros comunitários? Como aventura, eu até que entendo o camping. Coloca-se uma mochila nas costas e faz-se uma caminhada pela criação de Deus. Legal. Mas carregar sua *Van* numa reedição de Arca de Noé e ir rumo a um camping infestado de pernilongos onde você tenta reconstituir uma versão de sua cozinha e quarto de dormir para mim não faz sentido. Quem é que resolveu que férias deveriam ser parecidas com o cotidiano, só que numa versão mais complicada?

A cada ano que passa, nossa igreja divulga o “acampamento da família”. E a cada ano minha esposa quer participar, e anualmente acabamos em outro estado, na semana reservada para nossa igreja. E na minha ótica, o atrativo para o acampamento de família é que as crianças, sem contarem com a interferência dos pais, estão livres para correr e se sujar do nascer ao por do sol – numa espécie de *Senhor das Moscas* para nós, naturais do estado de Michigan. Mas por mais atraente que seja a ideia da ausência de prole e de uma parada para estar com os amigos, deve haver uma forma mais limpa, menos úmida de se exportar os filhos durante uma semana (não é para isso que existe acampamento bíblico de férias?). E

mesmo que os filhos se divirtam, e que o tempo coopere, mesmo que ninguém acabe precisando levar pontos, e mesmo que o décimo sétimo cachorro quente seja tão gostoso quanto o primeiro, será difícil remover toda a sujeira acumulada em meus livros.

Sei que existem muitos aficionados do camping ao redor do mundo. E eu não lhes condeno pelo hobby que escolheram. Só que não é a minha praia. Eu não cresci praticando camping. Minha família não era muito chegada em “ar-livre”. Não éramos contra o ar-livre ou coisa parecida. Frequentemente víamos essa cena pela janela e participávamos de sua realidade a caminho das compras. Mas nenhuma vez sequer fomos acampar. Jamais possuímos uma barraca, um veículo tipo trailer, ou um reboque. Ninguém caçava na família. Ninguém pescava. Até nosso churrasco era feito dentro de casa (com uma churrasqueira adaptada - acredite se quiser!).

Passei a maior parte da minha vida como um ignorante do camping. E para mim isso não se constitui problema. É uma coisa a mais com a qual não preciso esquentar minha cabeça. Camping pode ser ótimo para outras pessoas, mas me contento em jamais falar do assunto, nem pensar nele, e nem praticá-lo. Ao ler isso você pode até cair da cadeira espreguiçadeira, mas camping não faz parte da minha vida, e lido muito bem com isso.

SANTIDADE É O NOVO CAMPING

É possível você encarar a santidade como eu encaro o camping? É boa para os outros. É como se você respeitasse aqueles que tornam a vida deles mais difícil do que precisa ser. Mas não é bem a sua praia. Você não cresceu preocupado com santidade. Não era assunto tratado em sua casa. Não era algo pelo qual sua família orava ou que sua igreja enfatizava. Por isso, até este momento, não é sua paixão. A busca da santidade parece ser mais uma coisa para

esquentar a cabeça em sua vida já tão atribulada. É claro que você até gostaria de ser uma pessoa melhor, e espera poder evitar os pecados verdadeiramente sérios. Mas você raciocina que, já que foi salvo pela graça, santidade não é algo necessário a você e, com toda franqueza, sua vida até que parece boa sem ela.

A brecha em sua santidade é que você não se importa muito com ela. Dificilmente encontramos nas igrejas de hoje exortação apaixonada para se buscar santidade “movida ao evangelho”. Não é que não falemos acerca de pecado ou que não encorajemos um comportamento digno. A maioria dos sermões são basicamente palestras de autoajuda em como se tornar uma pessoa melhor. Isso é moralismo, e não ajuda nem um pouco. Qualquer evangelho que prega o que você *precisa fazer*, mas não anuncia o que Cristo *já fez* não é evangelho coisa nenhuma. Por isso mesmo, eu não estou falando em ficar cansado todo domingo por assistir *SportCenter* e por dirigir um utilitário. Estou falando nos fracassos como cristão, especialmente as gerações mais jovens e especialmente os que mais desdenham “religião” e “legalismo”, levarem a sério um dos grandes objetivos de nossa redenção e uma das evidências necessárias à vida eterna – nossa santidade.

J. C. Ryle, um Bispo em Liverpool, do século XIX, estava certo: “Precisamos ser santos, porque *esse é um supremo fim e propósito* pelo qual Cristo veio ao mundo... Jesus é um Salvador completo. Ele não retira, meramente, a culpa do pecado do que crê, ele vai além... rompe o seu poder (1 Pe 1.2; Rm 8.29; Ef 1.4; 2 Tm 1.9; Hb 12.10)”.¹ Meu medo é que conforme nós corretamente celebramos - e em alguns ambientes redescobrimos - tudo *do que* Cristo nos salvou, temos parado pouco para pensar e conseqüentemente concentramos poucos esforços em tudo *para* o que Cristo nos salvou. Será que os mais apaixonados acerca do Evangelho e pela

glória de Deus não deveriam ser os mais dedicados na busca por santidade? Preocupa-me que haja um vácuo de entusiasmo, e ninguém parece se importar.

QUEM DIZ?

Como é que eu sei haver uma brecha em nossa santidade? Bom, eu não sei. Quem poderia fazer o diagnóstico do estado em que se encontra a igreja evangélica, ou que se encontra a igreja na América do Norte, e mais difícil ainda, o estado em que se encontra a igreja ao redor do globo? Eu poderia fornecer estatística acerca de desastres morais de pastores ou dados acerca do mundanismo no frequentador de igreja mediano. Com estatística, é possível dizer-se tudo. Setenta e três por cento dos eleitores registrados sabem disso.

Portanto, eu não faço qualquer reivindicação de haver comprovado cientificamente que os cristãos estão negligenciando a busca da santidade. Mas não sou o primeiro a pensar que está faltando alguma coisa no cenário atual da igreja contemporânea. Em seu livro *A Redescoberta da Santidade*, J. I. Packer afirma que o crente dos dias de hoje enxerga a santidade como algo obsoleto². Ele cita três evidências diferentes: (1) Não ouvimos mais falar de santidade em pregações e nos livros; (2) Não insistimos que nossos líderes devam ser santos; (3) Não tocamos na necessidade de santidade pessoal em nossa evangelização. Essas observações me soam coerentes.

Mas se não quisermos acreditar no que diz Packer, pense nas seguintes três perguntas de diagnóstico, com base em três textos das Escrituras: 1. A Nossa Obediência é Conhecida por Todos?

Na maioria de suas cartas, Paulo fornece bastante encorajamento às igrejas que fundou. Ele, via de regra, começa dizendo algo assim: “Sou tão grato por vocês. Vocês são demais. Penso em

vocês o tempo todo e quando o faço, isso me faz louvar a Deus”. Ele é um papai espiritual orgulhoso dos filhos. Mas ele não distribuía adesivos de para-choque que diziam: “Meu cristão é um santo do *hall* dos melhores alunos na Escola Apostólica dos Dotados”. Não precisava disso. Os outros percebiam sem que ele o dissesse. Em Romanos 16.19, por exemplo, Paulo declara: “a vossa obediência é conhecida por todos”. Mas reconheçamos, reputações podem não corresponder à verdade (Ap 3.1), e os crentes de Roma tinham sua própria cota de problemas a resolver. Mas essa recomendação ao final da carta exige que façamos a seguinte pergunta: Nossa igreja é conhecida pela obediência? É o que outros cristãos pensam quando contemplam sua vida? É aquilo pelo que você gostaria de ser conhecido? “Criativo”, “relevante” ou “transformador de mundo” talvez soe melhor do que a velha obediência, que parece tão sem graça.

Os Puritanos me desafiam nessa questão. Sei que o termo “puritano” pode sugerir um eterno estraga prazeres que “tem uma furtiva desconfiança de que alguém, em algum lugar, está se divertindo”.³ Mas os verdadeiros Puritanos não eram assim. Eles desfrutavam das boas dádivas de Deus enquanto, ao mesmo tempo, buscavam a santidade dentre os dons mais especiais de Deus. É por isso que um teólogo descreveu o Puritanismo como movimento Reformado de santidade.⁴ Eles eram falíveis, mas cristãos que criam nas Escrituras, apaixonados em sua busca de Deus e de santidade. A espiritualidade Puritana não se alicerçava em dons espirituais, em experiência *de per si*, ou em se perder no mistério do desconhecido. A espiritualidade Puritana dizia respeito a crescer em santidade. Tratava-se de cristãos tornando-se visivelmente santos. É por isso que definiram teologia como sendo “a doutrina do Deus vivo” (William Ames) ou “a ciência do viver de

modo bem-aventurado para sempre” (William Perkins).⁵ A paixão e as orações deles diziam respeito à santidade. Será que podemos afirmar que nossa vida e a vida de nossas igrejas são marcadas pelo mesmo desejo?

2. O Nosso Céu é um Lugar Santo?

Em Apocalipse 21 temos um vislumbre estarrecedor dos novos céus e nova terra. Enquanto a maioria dos cristãos se mostra naturalmente curiosa acerca desse mundo recriado, a Bíblia não nos presenteia com detalhes específicos. Mas o que sabemos é aquilo que precisamos, de fato, saber. A nova Jerusalém é gloriosa – ela brilha com o esplendor da presença de Deus. A nova Jerusalém está segura – não há mais sofrimento, não há mais mar caótico, não há mais portais fechados (porque não há mais inimigos). E, o mais importante, para fins do que estamos tratando, a nova Jerusalém é santa – não apenas a noiva foi purificada, mas as dimensões da cidade sugerem que o céu reconstitui o Santo dos Santos.

Em alguns conceitos populares da vida pós-morte, o amor de Deus se reduz a uma aprovação incondicional. Mas na verdade, o amor de Deus é sempre um amor santo e seu céu é sempre um lugar totalmente santo. O céu é para aqueles que conquistam, que vencem a tentação de abandonar a Jesus Cristo e a comprometerem sua fé (Ap 21.7; ver também Ap 2-3). “Quanto, porém”, Apocalipse 21.8 continua, “aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte”. Não importa o que você professe, se você mostra desprezo por Cristo, entregando-se ao pecado – impenitente e habitualmente – o céu não é seu lar.

Sabe por que tantos cristãos estão cedendo na questão da homossexualidade? Certamente que as pressões culturais desempenham um papel potente nessa questão. Mas nosso fracasso em compreender corretamente a santidade do céu é outro fator significativo. Se o céu é um lugar de aceitação universal para gente relativamente boazinha, por que é que se deveria fazer do homossexualismo uma tempestade em copo d'água aqui na terra? Muitos cristãos jamais aprenderam que feiticeiros, e assassinos, e idólatras, e todos que amam e praticam a falsidade serão deixados fora dos portais eternos (Ap 22.15). Por isso, eles não têm a coragem (ou a compaixão) de afirmar que o impenitente sexualmente imoral também não será ali bem-vindo, que é precisamente o que Apocalipse 21-22 ensina.

Já que o novo mundo de Deus é livre de qualquer mancha ou sinal de pecado, é difícil imaginar como poderíamos nos regozijar no céu sem possuir santidade. Conforme J. C. Ryle nos relembra, o céu é um lugar santo. O Senhor do céu é Deus santo. Os anjos são criaturas santas. Os habitantes do céu são "santos que são santos". Santidade está presente em tudo no céu. E nada que não seja santo pode adentrar o céu (Ap 21.27; Hb 12.14). Mesmo que você pudesse entrar no céu sem possuir santidade, o que haveria de fazer? Que tipo de gozo você sentiria num lugar assim? Com que homem ou mulher santo de Deus você poderia se assentar para ter comunhão? Os prazeres dessas pessoas não seriam os seus prazeres. O caráter delas não seria o seu caráter. O que eles amam você não ama. Se você desgosta de um Deus santo agora, porque você haveria de querer passar a eternidade com ele? Se a adoração não lhe fascina agora, o que lhe faz pensar que lhe fascinará em algum futuro celestial? Se a impiedade é o seu deleite aqui na terra, o que lhe agrada no céu, onde tudo é limpo e puro? Você não

seria feliz lá se você não é santo aqui. Ou, como disse Spurgeon, “seria mais fácil um peixe viver numa árvore que um ímpio no Paraíso”.⁶

3. *Somos Cristãos da Grande Comissão?*

Façamos um rápido teste: resuma a Grande Comissão que Jesus apresenta ao final de Mateus 28. Se não souber o que é, pode abrir no texto para ver. Mas se você sabe do que estou falando, pense numa frase-resumo de duas linhas. Não cite os versículos; coloque-os em suas próprias palavras. O que Jesus nos comissiona a fazer na Grande Comissão?

Você talvez tenha dito: “Ele nos envia ao mundo para evangelizar”. Ou, quem sabe: “Ele quer que preguemos o Evangelho às nações”. Ou quem sabe, ainda, você mencionou algo a respeito de fazer discípulos. Essas respostas não estão erradas. Mas você se recorda das instruções precisas de Jesus? “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; *ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado*” (Mt 28.19-20a). A palavra “*guardar*” significa mais que “tomar conhecimento de”. Significa “obedecer”. Não estamos pedindo às nações que olhem para os mandamentos de Jesus como se fora uma interessante tela de Rembrandt. Estamos ensinando as nações a seguirem seus mandamentos. A Grande Comissão diz respeito a santidade. Deus quer que o mundo conheça Jesus, creia em Jesus, e lhe obedeça. Não estamos levando a Grande Comissão a sério se não estivermos nos ajudando mutuamente a crescer em obediência.

Mesmo assim, quantos de nós costumamos pensar em santidade quando pensamos em trabalho missionário? Como é fácil nos contentarmos em conduzir pessoas a tomarem uma decisão por Cristo em lugar de concentrarmos atenção em fazer discípulos de

Cristo. É claro que isso não significa que estamos simplesmente tentando fazer pessoas boas que vivem como Jesus. A Grande Comissão nada significaria e nada realizaria se não fosse pelo fato de que aquele que a proferiu tem “toda autoridade no céu e na terra” (Mt 28.18). É apenas e tão somente por confiarmos nele e por sermos perdoados por seu sacrifício substitutivo que somos capazes de trilhar os caminhos dele. Não há como fazer bons frutos brotarem de árvores ruins. As ordenanças de Jesus não podem vir separadas de sua pessoa e obra. Qualquer que seja a santidade que ele requer, ela é como o fruto de sua obra redentora, e existe para ser vitrine de sua glória pessoal.⁷ Mas em toda essa nuance necessária, não perca de vista aquilo pelo qual muitas igrejas passaram batidas: Jesus espera obediência de seus discípulos. Repassarmos os imperativos de Cristo constitui o cerne da Grande Comissão.

POR QUE TÃO CHEIO DE BRECHAS?

Tudo até aqui pede que se responda a pergunta “Por quê?” Ou, melhor ainda, “Onde?” Onde viemos a permitir essa brecha em nossa santidade? Se a missão de Deus neste mundo é salvar gente ímpia e santificar os que ele salva, se Deus justifica os incrédulos através da fé somente e aí promete a esses fieis torná-los piedosos, se o Santo de Israel está no ramo de criar um povo santo para si mesmo – porque é, então, que parece improvável que qualquer um de nós faça parte de uma denominação ou rede de ministérios ou de afiliação de amigos que recentemente foi descrita como participante de qualquer espécie de “movimento de santidade”? Lembre-se, os Puritanos (nome que sugere alguém que busca ser “Puro”) não inventaram esse nome para si. Os seus oponentes cunharam o termo porque viam sempre os Puritanos tão focados em serem...

puros. A busca da santidade não ocupa em nosso coração o lugar que ocupava no deles. Pior, a preocupação com santidade não é tão óbvia em nossa vida quanto é óbvia nas páginas da Escritura Sagrada. Por quê? De onde vem essa brecha?

Para começo de conversa, era bastante comum no passado equacionar-se santidade com a abstinência de algumas “práticas tabu” daquela época, tais como beber, fumar e dançar. Piedade significava evitar a lista dos itens proibidos. Gerações mais jovens possuem pouca paciência ao lidar com tais normas. Em alguns casos eles não concordam com as regras (p. ex. acerca de cinema, dançar, jogar). Em outros casos, essas regras parecem fáceis de com elas se lidar. De minha parte sei que, enquanto crescia, parecia que santidade tinha ligação com não beber, não fumar, não se praticar sexo fora do casamento. Eu não sabia como obter drogas, se estivesse atrás delas. Cerveja tinha um aroma ruim. E, com toda certeza, não havia uma fila de garotas doidas para se aproximarem de mim. Por isso, eu me saí bem.

Ligado a esta primeira razão reside o temor de que uma paixão por santidade nos torna uma espécie de estranhos remanescentes de uma era longínqua. Logo que você partilha sua preocupação acerca de falar palavrões ou de evitar certos filmes, ou acerca de um vestir modesto, ou de pureza moral, ou de domínio próprio ou mesmo acerca, simplesmente, de piedade, as pessoas olham para seu rosto como se houvesse um pedacinho moralista de sorvete remanescente dos idos de 1950. Os crentes se sentem mal com a possibilidade de serem taxados por seus amigos de legalistas, pudicos, mente fechada, atrasados, mais santos que os demais – ou pior ainda, fundamentalistas.

Outro motivo para a brecha é que nossas igrejas possuem em seu meio pessoas não regeneradas. Enquanto, por um lado, não

desejo que cristãos verdadeiros terminem de ler este livro questionando sua segurança de salvação, eu antevejo (e espero) que alguns crentes professos cheguem à conclusão que ainda não colocaram, de verdade, sua confiança em Cristo. Um dos motivos pelos quais o povo santo de Deus não busca a santidade é porque ainda não nasceram de novo pelo Espírito Santo. Alguns peritos em sondar a opinião pública e alguns eruditos olham para o mundanismo na igreja e concluem que ser alguém que se diz nascido de novo não faz qualquer diferença em como a pessoa vive. Deveríamos chegar à conclusão oposta; ou seja, muitos frequentadores de igreja ainda não nasceram de novo.⁸ Conforme afirmou A. W. Tozer, “o simples bom senso há de nos dizer que qualquer coisa que não gere mudança na pessoa que a professa, também não faz qualquer diferença para Deus, e é um fato plenamente observável que para inúmeras pessoas a mudança de não ter uma fé para ter uma fé não faz real diferença na vida”.⁹

Nossa cultura da indiferença também é parcialmente culpada pela brecha. Ser indiferente significa diferenciar-se dos demais. Isso, via de regra, significa ser tolerante com o linguajar, com o entretenimento, com bebida alcoólica e com a moda. É claro que santidade é muito mais que tudo isso, mas num esforço para serem modernos, muitos cristãos concluíram que santidade *nada* tem a ver com essas coisas. Abraçaram a liberdade cristã de forma determinada sem uma busca igualmente comprometida pelas virtudes cristãs.

Entre os cristãos mais liberais, a busca da santidade pode ser suspeita, porque taxar-se qualquer comportamento como “ímpio” soa como atitude condenatória e intolerante. Se tivermos de ser (igreja) “sem mácula, nem ruga” (veja Ef 5.27), precisaremos saber discernir que tipo de atitude, ação e hábitos são puros e quais são

impuros. Esse classificar é propício para nos deixar encrencados diante dos defensores do pluralismo.

Entre os cristãos conservadores existe, por vezes, uma concepção equivocada de que se formos verdadeiramente centrados no Evangelho, não teremos de falar em regras, imperativos ou empenho moral. Somos tão determinados em não confundir indicadores (o que Deus já fez) com imperativos (o que nós deveríamos fazer) que acabamos desconfiados quanto a permitir que mandamentos bíblicos nos conduzam, de forma constrangedora, à convicção de pecado. Tememos palavras como diligência, esforço, e dever. Pastores de hoje já não sabem pregar as boas novas em seus sermões, e ao mesmo tempo, exortar vigorosamente os frequentadores das igrejas a se purificarem de toda corrupção do corpo e do espírito (2 Co 7.1). Sabemos que o legalismo (salvação por meio da guarda da lei) e o antinomianismo (salvação sem a necessidade de se guardar os mandamentos) estão ambos errados, mas o antinomianismo soa como um perigo mais seguro de se correr.

Existe, igualmente, a realidade que santidade é tarefa árdua, e é tão comum sermos preguiçosos. Gostamos de nossos pecados, e morrer para eles é tão doloroso. Praticamente tudo é mais fácil que o crescer em santidade. Por isso, tentamos e fracassamos, tentamos e fracassamos, e acabamos desistindo. É mais fácil assinarmos um abaixo-assinado queixando-nos da desumanidade do homem que amarmos o próximo como a nós mesmos. Uma coisa é sairmos da faculdade prontos para transformar o mundo. É outra completamente diferente sermos resolutos na oração para que Deus nos transforme.

Por fim, muitos cristãos simplesmente abriram mão da santificação. É comum eu ouvir crentes dizerem que duvidam que a

santificação seja uma possibilidade. E não é somente porque o processo é difícil. Se nossos melhores esforços não passam de trapos de imundícia (Is 64.6), porque devemos esquentar? Somos todos pecadores incorrigíveis. Nada fazemos que agrade a Deus. Ninguém é realmente humilde, ou puro, ou obediente. A busca da santidade só nos deixará sentindo mais culpados. Aí concluímos que tudo que podemos, de fato, fazer, é nos apegar a Cristo. Somos amados graças à justiça imputada de Cristo, mas obediência pessoal que agrada a Deus, essa é simplesmente impossível. Os verdadeiros super-espirituais não “buscam santidade”; eles celebram seus fracassos como oportunidades para exaltar a graça de Deus.

MAS ELE (TALVEZ) TENHA ISSO CONTRA VOCÊ

Encontro um número crescente de cristãos hoje dispostos a pensar em maneiras criativas de se cativar a cultura. Não é difícil encontrarmos cristãos entusiasmados acerca do plantar igrejas e do serviço do reino. É possível até encontrarmos muitos cristãos apaixonados por teologia precisa. Sim e amém a tudo isso. Falando sério. Não há necessidade de acabarmos com tudo que é bom e verdadeiro só porque algo mais que também é bom e verdadeiro esteja faltando. Nas igrejas do Apocalipse, Jesus elogiou as igrejas naquilo que se mostravam fiéis e aí as desafiou naquilo em que corriam perigo espiritual. Não me sinto vocacionado em fazer com que qualquer pessoa apaixonada por Bach, por pesca de água doce, ou por Herman Bavinck se sinta mal por isso. Há uma centena de coisas boas que você poderá se sentir, como cristão, chamado a buscar. Mas o que estou, sim, dizendo, é que de acordo com a Bíblia, santidade, para todo cristão, deveria ser o item número 1 da lista. Precisamos de mais cristãos em nossos ambientes

universitários, em nossas cidades, em nossas igrejas e em nossos seminários que se disponham a dizer, junto com Paulo, “Vede prudentemente como andais” (Ef 5.15).

Seria possível, com todos os sinais positivos de vida espiritual em sua igreja ou em seu coração, ainda assim haver um triste pouco caso para com sua santificação pessoal? Quando foi a última vez que pegamos um texto como “entre vocês não deve haver... obscenidade, nem conversas tolas, nem gracejos imorais, que são inconvenientes, mas, ao invés disso, ações de graças” (Ef 5.3-4) e tentamos começar a aplicar à nossa conversa, aos filmes que assistimos no cinema, aos clipes de YouTube, aos seriados de televisão ou aos comerciais que nos permitimos assistir? O quer dizer que não deve sequer haver menção de imoralidade entre os santos (v. 3)? Tem de ter um significado. Em nossa cultura saturada com sexo, eu me surpreenderia se em nossos textos e tuitar e mesmo piadas mais reservadas, não houvesse alguma menção de imoralidade. E o que dizer de nossa roupa, nossa música, nosso flertar, e nossa forma de falar sobre pessoas que não se encontram no recinto? Se a batalha contra a pobreza é digna de ser travada, quanto mais a batalha contra nosso próprio pecado? Fato é que, se lermos as instruções dadas às igrejas do Novo Testamento, encontraremos pouquíssimos mandamentos explícitos para cuidarmos dos carentes de nossas comunidades e nenhum mandamento explícito para cuidarmos da natureza, mas dezenas e dezenas de versículos que prescrevem, de uma forma ou de outra, que sejamos santos como Deus é santo (p. ex. 1 Pe 1.13-16).

Vou repetir: não é minha intenção denegrir quaisquer outras ênfases bíblicas que estejam prendendo a atenção de igrejas e cristãos nos dias de hoje. Sei que o livro seria mais interessante se dissesse que todos perderam o “bonde da história” (em termos

espirituais). Mas esse não é o caso. Os céus não estão caindo, e nem cairão antes que Jesus de lá venha, primeiro. Mas não precisamos fazer de conta que tudo está errado se simplesmente reconhecermos que nem tudo está aprumado em nossa vida com Deus. Existe um vazio entre nosso amor ao Evangelho e nosso amor pela piedade. Isso precisa mudar. Não é pietismo, legalismo ou fundamentalismo levar santidade a sério. É o curso normal para aqueles que foram chamados a um santo chamamento por um Deus santo.

-
1. J.C. Ryle, *Santidade: Sem a Qual Ninguém Verá o Senhor* (São José dos Campos, SP: Ed. FIEL, 2010). (ênfase adicionada)
 2. J. I. Packer, *A Redescoberta da Santidade* (São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2002).
 3. Atribuída a H. L. Mencken
 4. Richard Lovelace, "Afterword: The Puritans and Spiritual Renewal," em *The Devoted Life: An Invitation to the Puritan Classics*, editado por Kelly M. Kapic e Ronald C. Gleason (Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 2004, pág. 301).
 5. Ibid.
 6. Esta citação vem de um comentário de Spurgeon no Salmo 1.5 em *The Treasury of David*, que pode ser encontrado on-line em inúmeros lugares, incluindo [HTTP://www.spurgeon.org/ps001.htm](http://www.spurgeon.org/ps001.htm).
 7. Estas últimas duas frases parafraseiam John Piper, *What Jesus Demands from the World* (Wheaton, IL: Crossway, 2006), pág. 23
 8. Ver John Piper, *Finalmente Vivos* (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2011).
 9. A. W. Tozer, *The Best of A. W. Tozer, Volume 1* (Grand Rapids, MI: Baker, 1978), pág. 168.

O QUE MOTIVOU A REDENÇÃO

Por que é que Deus me salvou? Não é uma má pergunta, se você pensar bem. Afinal, você estava morto em delitos e pecados (Ef. 2.1). Como descendente do primeiro homem, Adão, você partilha da culpa e da corrupção do primeiro pecado dele (Rm 5.12-21). Você era inimigo de Deus (v. 10), um pecador concebido em iniquidade (Sl 51.5), e, por natureza, merecedor da ira de Deus (Ef 2.3). Você era um pecador que pecou e merecia morrer (Rm 6.23). Mas observe as boas notícias para todo cristão que lê estas palavras: a Bíblia afirma que, no momento propício, Jesus Cristo morreu por você (Rm 5.8). O Bom Pastor deu sua vida por suas ovelhas (Jo 10.15). Jesus bebeu o cálice da ira de Deus em seu lugar (veja Mc 10.45). A morte dele na cruz implica em que Deus agora é por você e não contra você (Rm 3.25; 8.31-39). Pela fé, através da vida, morte e ressurreição de Cristo, você é um filho de Deus com ele reconciliado, por ele justificado e adotado. Que tremenda boa notícia!

Mas... por quê?

Talvez você já parou para pensar em *como* Deus nos salva, ou o *que* é preciso fazer para ser salvo, ou *quando* você foi salvo. Mas você já parou para considerar *por que* Deus te salvou?

Há mais de uma única resposta correta a essa pergunta. A Bíblia diz que Deus nos salvou porque nos ama (Jo 3.16). Também afirma que Deus nos salvou para o louvor de seu próprio nome (Ef 1.6, 12, 14). Essas são as duas melhores respostas à pergunta “por quê?”.

Mas há outra resposta – tão boa quanto, tão bíblica quanto, e tão importante quanto. Deus te salvou para que você pudesse ser santo. Preste atenção à afirmação de propósito contida nesta passagem de Efésios:

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele... *para sermos santos e irrepreensíveis* perante ele (Ef. 1.3-4).

Deus nos escolheu para a salvação na eternidade passada, e enviou Cristo para nos salvar na história e nos deu o dom da fé pelo operar do Espírito Santo em nosso tempo de vida *para que* pudéssemos ser santos.

E repare que Paulo não está falando da justiça de Cristo computada a nosso favor quando cremos em Cristo. Terei muito a dizer a esse respeito nas páginas que seguirão, mas quero que você perceba desde o início que Efésios 1.4 (e há muitos textos como este) está falando de uma santidade pessoal que precisa caracterizar a vida do crente no último dia, e na era presente.¹⁰ Paulo está elaborando a intimação para nos despojarmos do velho homem e nos revestirmos do novo homem (Ef 4.22-24). Ele tem em mente o sermos purificados pelo lavar com água pela palavra (5.26). Quando Deus nos salva pela justiça de Cristo, ele nos salva de forma que nós também venhamos a ser caracterizados por justiça. Conforme bem colocou J. I. Packer, “Na verdade, santidade é o objetivo de nossa redenção. Assim como Cristo morreu para que pudéssemos ser justificados, de forma decorrente, somos justificados para que possamos ser santificados – tornados santos”.

¹¹

Santidade evidente é o plano de Deus para seu povo, expresso no Antigo e no Novo Testamentos:

Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa (Ex 19.4-6a).

Percebe, mais uma vez, o motivo de nossa libertação? Deus salvou os israelitas *para* a santidade. Deus os libertou da escravidão egípcia para que fossem livres para trilhar os caminhos dele. Eles deveriam ser uma nação de pessoas separadas, tão santas que bem podiam ser sacerdotes – cada um deles. Cada cristão em cada igreja deveria viver a mesma identidade sacerdotal (1 Pe 2.9). É por isso que Deus nos resgatou:

- Não te envergonhes, portanto, do testemunho de nosso Senhor, nem do seu encarcerado, que sou eu; pelo contrário, participa comigo dos sofrimentos, a favor do evangelho, segundo o poder de Deus, *que nos salvou e nos chamou com santa vocação*; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos (2 Tm 1.8-9).
- Porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação (1 Ts 4.7).
- Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (Ef 2.10).
- Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, *para que a santificasse*, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, *para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito* (Ef 5.25-27).

A Bíblia não poderia ser mais clara. O que motivou a nossa salvação, o *design* por trás de nossa libertação, o propósito pelo

qual Deus lhe escolheu, em primeiro lugar, foi a santificação.

UM BEM NECESSÁRIO

A santidade não é apenas o objetivo de nossa redenção; ela é *necessária* à nossa redenção. Agora, antes que você soe o alarme contra legalistas, antes de me amarrar com o cadarço moral de sua botina, e alimentar minha carcaça aos Gálatas, vejamos o que dizem as Escrituras:

- De acordo com Jesus, “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7.21). É possível professar as coisas certas e ainda não estar salvo. Somente os que fazem a vontade do Pai entrarão no reino. E isso implica em ouvir as palavras de Jesus e praticá-las (v. 26).
- Muitos textos como 1 Coríntios 6.9-10 ensinam que “os injustos não herdarão o reino de Deus”. Encontramos essa mesma ênfase em Gálatas 5.19-21. O ensino constante e frequente da Bíblia é que aqueles cuja vida é marcada por impiedade habitual não irão para o céu. Sermos absolvidos por Deus no último dia implica em que haja evidência fluindo de nós assim como a graça fluiu para dentro de nós.
- 1 João, em especial, delinea vários critérios para que determinemos se verdadeiramente pertencemos a Deus.¹² Os que nasceram de Deus não apenas confessarão o Filho (1 Jo 2.23; 5.15) e crerão que Jesus é o Cristo (5.1), mas também guardarão os mandamentos de Deus (2.3-4), andarão como Cristo andou (2.5-6), praticarão a justiça (2.29) e vencerão o mundo (5.5). “Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca” (5.18).
- De forma semelhante, a carta de Tiago deixa claro que fé sem as obras que a acompanham não é fé salvadora (Tiago 2.14). “Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta”(v. 17). Muitos cristãos têm tido problemas em conciliar a ênfase em obras em Tiago

com a ênfase em fé independentemente das obras nos escritos de Paulo. Na realidade, não existe conflito. Paulo quer que vejamos que a fé é o meio instrumental para estar-se reto diante de Deus. Nada contribui para a nossa salvação. A única base é a justiça de Cristo. Tiago, por outro lado, quer que vejamos que evidências de piedade precisam necessariamente acompanhar a fé genuína. Somos justificados pela fé somente, mas a fé que justifica nunca está desacompanhada. Paulo descreve a fé verdadeira e viva; Tiago argumenta contra a fé falsa que consiste de nada além de assentimento intelectual morto (vs. 17, 19, 20, 26).

- E aí temos Hebreus 12.14: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor”. Em outras palavras, santidade não é uma opção. Alguns de vocês leitores podem estar pensando: “Sim, isso está absolutamente certo. Precisamos ser santos, e somos contados como santos por causa de Cristo”. É verdade. E, aliás, em outros textos de Hebreus, vemos que a santidade – é um dom que recebemos através do Evangelho (10.10,14). Mas Hebreus 12 diz respeito ao desdobrar prático dessa santidade posicional.¹³ A santidade de Hebreus 12.14 não é uma santidade que recebemos, mas uma santidade que por ela nós “nos esforçamos por obter”. Isso faz sentido se levarmos em conta o contexto de disciplina na primeira metade do capítulo 12. Os Hebreus eram cristãos professos que estavam sofrendo por seu cristianismo, e correndo o risco de naufragar na fé (10.39). Por isso, Deus, o Pai, os disciplinou, de forma que fossem treinados por ela para a justiça (12.11). Deus foi aplicado em tornar seus filhos santos, porque a santidade precisa destacar aqueles que têm comunhão com um Deus santo.

Há literalmente centenas de versículos como os citados. Em 1990 John Piper escreveu uma longa carta que todos deveriam ler. Chama-se “Uma Carta a um Amigo Relativa à Assim Chamada ‘Salvação pelo Senhorio’”¹⁴ Naquela época havia um debate razoável acerca de poder-se ou não ter a Jesus como Salvador, sem tê-lo como Senhor. John MacArthur escreveu *O Evangelho Segundo*

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Brecha em Nossa Santidade" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).